

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

TONI, Ana. Ana Toni (depoimento, 2011). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 38min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO FORD e FUNDAÇÃO FORD. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Ana Toni
(depoimento, 2011)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Levantamento de dados: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira; Verônica R. Bevilacqua Otero Spicer;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 21/06/2011

Duração: 1h 38min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória de um Office na periferia: o Escritório da Fundação Ford no Brasil”, desenvolvido em convênio com a Fundação Ford, entre janeiro de 2011 e julho de 2012, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos histórico-documental sobre os 50 anos da atuação da Fundação Ford no Brasil e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: Amazônia; Barack Obama; Democracia; Economia; Estado e sociedade; Estados Unidos da América; Fundação Ford; Impacto ambiental; Meio ambiente; Mídia; Organizações não governamentais; Política ambiental; Política municipal; Política social; Pós - graduação; Rede Globo; Relações internacionais; São Paulo; Sociedade civil; Suécia;

Sumário

Entrevista: 21/06/2011 A cidade natal São Paulo; a ida para a Suécia e o interesse pela área social; a graduação em Economia Social na Faculdade de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres; o mestrado na London School of Economy na área de relações internacionais; o trabalho na TV Globo; o trabalho na ActionAid e na GreenPeace; a chegada na Fundação Ford como primeira representante brasileira; a chegada da Fundação Ford no Brasil e o foco na democratização brasileira; programas com foco em “accountability”; os investimentos nos Conselhos Municipais; o papel da mídia na transparência do governo; o trabalho de Liz Leeds antes da sua chegada na área de governança e sociedade civil; o processo de escolha dos projetos que serão financiados; os sucessos e fracassos dos projetos; a área de comunicação da Fundação após a posse de Luís Ubinhas; a relação entre o Program Officer, o representante e Nova York; os impactos no escritório do Brasil com a mudança do governo Obama; a relação com os outros escritórios da Fundação Ford; a decisão por apoiar Organizações Não Governamentais (ONGs); o papel da Fundação nos debates com baixa visibilidade na sociedade e no governo; a especificidade da Ford em relação às outras fundações privadas; os desafios e fragilidades que aparecem na contemporaneidade e a atuação para o enfrentamento de desigualdade estrutural; a escolha pela opção Amazônia; os impactos da Revolução Verde e do projeto Controle populacional; projetos e parceiros relevantes; o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT).

Entrevista: 21/06/2011

L.O. – Bom, hoje nós vamos começar a entrevista com Ana Toni – representante da Fundação Ford, do escritório da Fundação Ford no Brasil. Ana, como eu lhe disse, as primeiras questões nós vamos tentar explorar um pouquinho dados pessoais. Quer dizer, onde você nasceu, quando, os dados sobre sua família, como você nos conta a respeito disso?

A.T. – Bom, eu sou paulistana, nasci em São Paulo capital, venho de uma família de classe média, nasci em 1964 e eu acho que... Nasci e me criei em São Paulo até os 17 anos, ganhei uma bolsa de estudos naqueles concursos de intercâmbio entre países para ir para a Suécia, para onde eu fui, passei um ano na Suécia por esse intercâmbio e acho que foi essa minha saída... Eu me interessei um pouco pela área social desde pequenininha, mas acho que foi a saída do Brasil que fez muito mais alerta. Estar na Suécia e as pessoas me perguntarem coisas sobre o Brasil aos 17 anos, acho que eu vou conseguir ver o meu próprio país com outros olhos estando fora. Cada um descobre seu país de alguma maneira; foi a maneira que eu descobri o meu. E aos 17 anos, fiquei lá um ano, voltei, fiz dois anos de Faap (Fundação Armando Álvares Penteado) – Comunicação –, parei, fui para a Inglaterra e comecei a fazer Economia Social na Universidade de Soas University, no país de Gales, fiz universidade lá, fiz mestrado na London School of Economy na área de relações internacionais. No meio tempo, já vinha trabalhando, não é? Enquanto fazia faculdade, trabalhei na TV Globo...

L.O. – Em Londres.

A.T. – Em Londres, como assistente de produção. Esse tipo de área. Quando acabei a faculdade, entrei para uma organização que eu tenho muito carinho, que é a ActionAid, que é uma organização de cooperação internacional inglesa, [ela era inglesa]¹. E eu era responsável pelo trabalho da Rio mais vinte. Todo o trabalho da [Rio Summer]² naquela época. Daí, trabalhei na ActionAid, depois do Summer do Rio de Janeiro de meio ambiente, fui convidada para ser

¹ Palavras mais próximas do que foi possível ouvir.

² Palavras mais próximas do que foi possível ouvir.

diretora da área de políticas internacionais – é uma unidade de política do Green Peace internacional. Então, trabalhei em Amsterdam nessa posição, me transferiram para a Alemanha, onde morei também quatro anos também trabalhando para o Green Peace. Depois do Green Peace, eu fui convidada pela ActionAid para vir abrir um escritório no Brasil. Então, voltei para o Brasil; isso foi ótimo, porque tive a minha primeira filha naquele momento. Então, foi muito bom trazer a minha filha que nasceu na Alemanha para... Fazê-la crescer aqui no Brasil...

H.A. – Você ficou quantos anos fora do Brasil?

A.T. – Fiquei muitos anos. Fiquei quase quinze anos fora. E vim com a ActionAid para cá. Aí a ActionAid... Montei o escritório da ActionAid, que agora é uma organização grande aqui no Rio e da ActionAid cheguei na Fundação Ford.

L.O. – [Riso]

A.T. – Foi essa a trajetória que eu tive [riso].

L.O. – E você só... É um pouco óbvia a pergunta, mas não tem importância. Essa sua experiência nessas agências ou Ongs internacionais de alguma forma, vamos dizer assim, essa experiência a credenciou a chegar à Fundação Ford?

A.T. – Eu acredito que sim. Quer dizer, eu confesso que quando eu entrei na Fundação eu era bastante nova. Eu tinha 39 anos quando virei representante da Fundação Ford. E os meus antecessores eram sempre bem mais velhos eram estrangeiros. Então, logicamente que para mim foi uma feliz surpresa que eles quiseram...

L.O. – Você foi a primeira...

A.T. – Brasileira. É.

L.O. – A primeira representativa [riso], a primeira representante brasileira?

A.T. – A primeira representante brasileira. E não venho do mundo acadêmico, que também foi um pouco uma quebra para a tradição da Fundação Ford, porque não era a minha área. Eu vinha mais, digamos, da área de justiça social, do ativismo mesmo, que eram as Ongs em que eu trabalhava, não é? Então, foi uma surpresa, uma agradável surpresa logicamente para mim. E eu acho que foi um momento da Fundação de um risco para todos. Mas para a Fundação foi eles arriscarem um outro perfil, e era um começo de governo Lula no Brasil também, não é? Então, acho que teve uma relação de um outro partido no Brasil – eu não sei até que ponto entrou muito na estratégia –, mas eu acho que eles queriam que a Fundação Ford tivesse também uma movimentação para além só de pesquisas específicas...

L.O. – Eles foram buscar você ou eles abriram uma: “Precisa-se de uma representante” e você se candidatou?

A.T. – Precisa-se de uma representante.

L.O. – Aí você, você...

A.T. – Foi... Eu lembro que eu estava viajando até pela ActionAid e vi o anúncio no *Economist*. E foi ali... Eu nunca tinha sido donatária da Fundação Ford, mas tinha muita admiração, sempre olhei para a Fundação Ford com olhos de admiração. E quando eu vi a posição, conversei com algumas pessoas e que conheciam; eu falei: “Ah, vamos tentar.” Aí fui no processo, e no final, demorou muito para eles me falarem, mas deu tudo certo.

L.O. – E aí você entrou direto para ser a representante.

A.T. – Entrei direto para ser representante, porque normalmente eles punham Program Officer aqui e aí ia para ser representante. No meu caso, não foi, como eu falei, nem donatária eu era, e isso foi um pouco... Foi bom; não foi ruim, não é? Foi o que foi.

L.O. – [Riso]

A.T. – Foi um risco.

L.O. – Lendo assim dados que tem sobre você, eu fabriquei uma história que é diferente da que você está contando, porque eu imaginei você *primeiro* lá responsável pelo programa, porque depois você também foi responsável pelo programa.

A.T. – De Governança e Sociedade Civil?

L.O. – É.

A.T. – Mais ou menos, porque assim na Fundação Ford, a pessoa do “rep”³, do representante, não é, tem um papel meio de liderança, mas também um pouco de coringa, porque sai um Program Officer na área de, sei lá, de educação, entra o representante, sai na área de... Até que nós contratemos um especialista naquela área, o representante continua fazendo doações naquela área, não é? Logicamente, depois de algum tempo na Fundação, você não é o *expert* daquela área, mas tem de dominar todas as áreas, porque você, no final das contas está aprovando as doações em todas as áreas, não é? Então, eu peguei a área de governança e sociedade civil, primeiro porque era a área que eu realmente conhecia mais e tinha trabalhado por muito mais tempo. Tinha outras opções. Optei, por exemplo, por não pegar a área ambiental, que aí ficou o Aurélio, não é, que nós abrimos e contratamos o Aurélio. Um pouco porque era a área que eu dominava mais e eu achava que era a mais ampla dentro do escopo da Fundação Ford mesmo, não é? A que se fala com outras de uma maneira mais simples. Mas acabei me dedicando muito mais a uma outra área, que foi a área de mídia, que eu gastei grande parte do meu tempo, nós achamos que a área de mídia, democratização da mídia brasileira era uma área importantíssima para a consolidação da democracia brasileira. Então, nos empenhamos – eu pessoalmente me empenhei muito nos últimos sete anos – em financiar projetos nesta área e finalmente, agora, em janeiro de 2011, conseguimos contratar um Program Officer para esta área de mídia. Então, foi uma área que agora está institucionalizada na Fundação. Então, mesmo com a minha saída, ela continua.

L.O. – E a área de governança e sociedade civil extinguiu-se [riso]?

³ Abreviação para a palavra de “Representante”

A.T. – Extinguiu-se. Extinguiu-se.

L.O. – Como você... Eles interpretaram isto? Quer dizer, só uma coisa que eu tinha visto neste... Um dos programas a respeito disso fala em buscar accountability, transparência. Eu falei: “Como você pode traduzir a accountability para nós?”

A.T. – É duro. Isso aí é duro. Nós acabamos usando em português a mesma palavra... A área de governança e sociedade civil é uma área que mudou de nome na Fundação por diversos períodos, não é, mas que seu bojo continua o mesmo. Que na realidade ela foi muito a área que desde o começo, quando a Fundação Ford começou no Brasil, seu objetivo, vamos pensar, foi 1962, mas quando realmente começou no meio do golpe militar (1964), o programa inteiro da Fundação meio que se voltou para a área de democratização. Então, mesmo, digamos, a construção das ciências sociais, o objetivo era trabalhar na democratização brasileira. Com a chegada... Chegando mais perto, então, todo esse processo da democratização brasileira foi apoiar, tanto a academia quanto os movimentos sociais que ainda eram embriônicos a se fortalecerem para esse objetivo, que era participar do processo democrático, cada um da sua maneira. Teve a época da Constituinte, que eu acho que o programa de governança foi fundamental para, como eu falei, fortalecer e capacitar principalmente os movimentos sociais em abrir áreas para os movimentos de mulheres, o movimento negro, o movimento indígena. Ajudar que essas áreas se fortalecessem, assim como a área de participação da sociedade civil, os fóruns democráticos de conselhos: conselhos municipais, conselhos estaduais... Toda essa parte foi o que a Fundação Ford foi investindo através da sociedade civil. Quando chega a época – aí já com a democratização brasileira –, cada programa... Aí nós já temos um programa de direitos humanos, um programa de sustentabilidade, todos trabalham com o mesmo objetivo que é logicamente aí a consolidação da democracia, porque pelo menos a democracia eleitoral já está meio conquistada, na sua especialidade. E ficou para o portfólio de governança e sociedade civil trabalhar com participação, metodologias de participação da sociedade civil em conselhos municipais, porque isso foi muito forte durante a Constituinte, foi um ganho muito importante desses fóruns participativos. E a Fundação Ford *por anos* financiou grupos locais para fortalecimento principalmente dos conselhos municipais. Então, todo o trabalho de fortalecimento dos conselhos municipais, dos conselheiros, que conselheiros era esses? Que

instrumentais eles tinham para poder participar ativamente desses conselhos com capacidade? Foi uma área que o portfólio de governança e sociedade civil fez por muito tempo, e acho que fez um trabalho realmente...

L.O. – Isso foi no Brasil todo ou regionalmente estava mais...

A.T. – Não. Foi no Brasil todo, porque nós acho que associamos de novo tanto a sociedade civil quanto a academia. Então, na academia, sei lá, tiveram diversos – estou pensando em Leonardo da Vinci, Angelina – acadêmicos que estudavam os conselhos municipais, os conselhos de saúde, os conselhos de educação... Nós financiamos a academia para entender esse processo e fomentamos a sociedade civil na capacitação dos atores, não é? Então, foram... E aí era em todos os lugares, alguns faziam trabalho em nível nacional – pesquisa normalmente – e alguns atuavam em alguns municípios específicos. Isso foi ganhando corpo, logicamente. Então, por exemplo, o projeto que nós financiamos com a Fundação Getúlio Vargas lá de São Paulo, do Peter Spink, o departamento dele – o projeto Políticas Públicas e Cidadania –, que dava prêmios para os municípios, e daí envolvia um processo participativo... Esse foi um programa que demorou dez anos, *durou* dez anos e tem uma capilaridade imensa no Brasil inteiro. Aí, quando eu entro, nós já temos um período grande de democracia, nós enfrentamos um governo, que é o governo Lula, que tem a participação como seu mote principal, tem todos os conselhos, todos os encontros anuais, todas as grandes reuniões. E aí a pergunta que a Fundação se fez era: “Qual pode ser... O que nós podemos acrescentar neste âmbito?”, não é, porque ficar tentando dar capacidade para alguns poucos conselheiros, logicamente... E aí a opção foi em vez de nós entrarmos... Nós tentamos no começo concentrar no Conselhão, lembra? Logo no começo do governo Lula, o monitoramento do Conselhão, pesquisas específicas sobre isso, acabou não funcionando. Nós, daí tentamos olhar um pouco para as estatais, principalmente o BNDES⁴, algumas estatais, como a sociedade civil poderia participar e monitorar, acabou também não funcionando. E aí essa parte de mídia começou a crescer em termos: qual é o papel da mídia em fiscalizar, em monitorar o governo.

H.A. – Então, está interligado, não é?

⁴ Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

A.T. – Totalmente interligado. Totalmente interligado. Era não, de maneira alguma esvaziar esse espaço participativo formal, digamos, não é, porque ele existe e acho que está consolidado na democracia brasileira e é uma coisa que é maravilhosa na nossa democracia são esses espaços. Mas em relação à Fundação Ford foi tentar ver outros atores que deveriam estar também monitorando, também ver porque esse monitoramento não seja tão ideal e logicamente a mídia tem um papel fundamental nessa área de transparência. Então, foi um movimento... Não foi assim radical um ou outro, não. Foi um aprendizado mesmo.

H.A. – Só para nós voltarmos um pouquinho, qual foi o ano que você entrou como representante?

A.T. – 2003.

H.A. – Então, ser Program Officer dessa área é uma coisa que começa praticamente ao mesmo tempo e você vai se adequando...

A.T. – Ao mesmo tempo. É, quando eu entrei, a Liz Leeds, que era Program Officer dessa área ainda estava. Nós tivemos uns seis meses de... E ela trabalhava e fez um trabalho absolutamente fantástico que nós tivemos a oportunidade de manter, porque ela tinha essa área de sociedade civil e participação e ela tinha outra área, que era segurança pública, que foi desde o início uma coisa que eu me apaixonei – conhecia pouco, mas me apaixonei logo que conheci. O papel da Fundação Ford era trazer polícias, acadêmicos e sociedade civil para trabalharem juntos. Então, a Liz Leeds começou a financiar a área de segurança pública da perspectiva de governança. Então, nós tínhamos lá o pessoal de direitos humanos tentando ver o que o Estado deveria fazer, não estava fazendo ou como o Estado estava violando os direitos da população e na área de governança ela tinha uma outra perspectiva, que era ver... Que era tentando ver como nós construímos uma polícia democrática num momento em que o Brasil se torna uma democracia. Então, como é que nós desmilitarizamos a polícia. Esse foi um trabalho que a Liz Leeds começou logo que ela entrou, acho que foi em 1986, se não me engano, que eu acho fundamental. Não existe democracia sem uma boa polícia. Essa era a teoria e continua sendo. Então, nós continuamos esse trabalho que a Liz Leeds começou, eu continuei financiando essa

área. Então, é como eu te falei: o “rep”, representante, é um pouco... O representante é um pouco coringa. Então, quando nós começávamos a coisa de mídia, manteve-se a coisa de segurança pública e nós continuamos financiando essa área realmente e continua a ser muito forte na Fundação, apesar de ter pouca visibilidade.

H.A. – Aí a Leeds saiu e não entrou um Program Officer oficial para...

A.T. – Isso é uma... Talvez uma das... As pessoas veem na Fundação Ford uma Fundação grande, robusta, com certa legitimidade, mas nós somos meia dúzia [riso], tudo muito pequenininho [riso]. Então, assim, realmente por um período ali nós somos muito poucos. Eu, o Aurélio, a Denise, a Andina Leal, que a maioria do tempo fiquei como representante, a Diana entrando um pouquinho, mas ao mesmo tempo era representante com três Program Officers. Então, cada um tem que cobrir muitas áreas, infelizmente.

L.O. – E aí uma curiosidade, quer dizer, vocês, por serem a Fundação que são, por terem legitimidade, obviamente que muita gente bate à porta, não é, querendo aí o seu olhar. Como vocês selecionam os projetos que chegam?

A.T. – Isso eu acho que é uma arte. Eu sempre brinco assim que você ser um doador é quase ser artista [riso], porque assim realmente tem muito de você saber o que você quer, o que você acredita, e muito de você sentir genuinidade daquele projeto dentro de uma agenda que você já tem. Então, achar que os doadores não têm agenda... Têm agenda. A Fundação Ford raramente trabalha com o que nós chamamos [inaudível], aqueles procedimentos abertos que todo mundo... Nós sabemos exatamente que tipo de ação nós queremos financiar, nós temos uma estratégia que é muito discutida internamente, elaborada, o que cada um quer atingir no período que ele ou ela está dentro da perspectiva da Fundação, e aí os donatários que chegam, se você deixa isso muito explícito e você consegue explicar, você vai meio que triando. Eu acho que o que normalmente é um aprendizado de duas áreas. A pessoa chega com uma ótima ideia ou não tão boa; se você acredita que pode ter uma parceria, você conta o que tinha originalmente na sua cabeça, e isso vai sendo meio construído com quatro mãos até o desenvolvimento do projeto. Acho que uma grande qualidade da Fundação Ford, apesar de nós termos uma agenda,

é estar aberta para aprender. Sem isso, você só vai dar doações erradas, digamos, se você tem uma ideia certa.

L.O. – Não, e vendo que tenha definido os alvos que vocês querem chegar, as perspectivas... Mas também devem chegar muitos projetos, entendeu? Um pouco assim: dentro daquele objetivo, daquele... Vamos dizer assim aí você tem esse, esse ou esse? [Riso] Vocês encaminham essa aproximação com todos eles para depois escolher o último, não é? É um pouco a prática de vocês que seria interessante.

A.T. – Como funciona assim na realidade? Nós recebemos por ano através do site mais ou menos entre seiscentos e oitocentos projetos. Então, não é *tanto* assim; entre seiscentos e oitocentos, mas como nós somos tão pequenininhos, não é. Uma das coisas que vem ajudando é que o nosso site está cada vez mais definindo o que nós queremos e isso ajuda a não vir coisa que nós não podemos financiar. Desses nós financiamos, em geral, mais ou menos 150. Cento e cinquenta não, desculpe; cem doações por ano. Cem, cento e poucas doações por ano; cento e trinta. Então, tem de diminuir de oitocentos... Desses oitocentos, há uma ambulância, sei lá, uma creche... Elimina fácil, esses já vai eliminando.

L.O. – Esse é fácil. [Risos]

A.T. – E o resto realmente, assim... A primeira tentativa é sempre encaixar dentro da estratégia da Fundação. Mas é uma relação de muita confiança também. Nós não vamos estar lá... Então, tem uma relação pessoal ali que é realmente – acho que é a vida, não é – que você tem de saber não só saber fazer uma, que nós chamamos, de avaliação da organização, mas realmente posso trabalhar com esse parceiro? Porque a Fundação não é uma Fundação que dá para um projeto, só para um evento ou só para uma publicação e você nunca mais vai ver aquele trabalho. Nós não estamos procurando esse tipo de relação. Nós brincamos: *nós casamos com as pessoas por dez anos*. Esse negócio, têm relações assim por bem e por mal, porque pode ficar só naquela panelinha, não é, ou você vai se abrindo através... Então, tem uma relação pessoal de você acreditar, de ser um aprendizado mútuo, e eu acho que é nesse processo que você acaba eliminando uns e entrando outros.

L.O. – Ela falou a palavra que eu implico...

A.T. – Panelinha.

L.O. – ...com donatário. Eu vou confessar que donatário para mim é capitania hereditária. Tem de arranjar um outro nome. Você falou “parceiro”. É uma outra maneira de dizer aquele que recebeu e vai continuar recebendo [riso].

A.T. – E é parceiro. E eu acho que os parceiros nem sabem o quanto eles influenciam as estratégias de uma fundação, como a Fundação Ford, e o quanto realmente é uma parceria de aprendizado mesmo, não é? Posso só falar uma coisinha em relação à panelinha? Porque uma das críticas que qualquer um pode ter, e não é só da Fundação Ford, mas de qualquer outra fundação, é que nós financiamos sempre os mesmos. É porque confiamos sempre nos mesmos. Nós tentamos nos últimos anos, realmente tentamos abrir – não acho que tivéssemos uma panelinha. Nós tentamos abrir. Acho que tem uma coisa institucional, nós ficamos somente seis anos na Fundação. Então, cada Program Office ou cada representante fica só por um tempo para realmente não viciar as relações. Eu acho uma política interessante para você ter certeza que não está sempre doando para as mesmas pessoas. Eu acho isso importante. De vez em quando, seis anos parece pouco, outras vezes parece demais.

L.O. – Você ficou mais. [Riso]

A.T. – Eu fiquei mais; e a Denise também ficou mais. Mas foi uma quebra de regra. Normalmente, a Fundação tem uma política. Os nossos contratos são por três anos renováveis por três no máximo, e aí eles podem quebrar a regra também a qualquer momento também [riso]. Não é uma fundação que a pessoa que está dentro assume que vai ficar para sempre. Isso é importante. E a segunda coisa, nós tentamos dar um outro foco, não só de programa; por exemplo, na área de mídia, a Fundação não tinha nenhuma relação. Então, todos os parceiros são parceiros novos. E nós acabamos terminando relações com a área de governança que eram relações de vinte, trinta anos. Você não vira a pessoa mais popular do mundo [risos] quando você faz isso. Mas é uma coisa de renovação também que é importante para a organização. E demos um foco para a Amazônia muito grande nesse período, não é? E que também são todas

relações muito novas. Então, foi um período de bastante renovação das parcerias pro bem, pro mal, não é que as antigas eram ruins, essas são boas ou vice-versa. É para respirar, não é?

H.A. – Isso que você falou de algumas coisas que não deram certo, eu imagino também que não seja encarado como um fracasso, não é? Foram tentativas necessárias assim...

A.T. – Isso é muito legal. Lógico que toda vez que nós damos um “grant” nós sabemos a responsabilidade para cada um deles, e como ele se fala com os outros, porque nós não os vemos isolados: *este é um bom projeto*. Ele é um bom projeto neste conjunto que nós estamos querendo, não é... *Puxar*. E de vez em quando não funciona. Como eu te falei tiveram áreas aí que nós tentamos...

H.A. – Poderia ter funcionado [riso].

A.T. – Poderia. E alguns que você acha que vai ser só um projetinho, ele se transforma. Dou um exemplo assim, apesar de ser uma área que eu amo, amo, amo, que é essa área de segurança pública, em 2004, a Liz mesmo – ela já tinha saído – entrou com uma ideia de nós apoiarmos o fórum de segurança pública. Adorei a ideia. Vamos montar aí o fórum. Achamos que o fórum não ia dar certo. Não só deu certo; *ele bombou*. Hoje em dia, o fórum que tem quatro anos consegue trazer todos os ministros da segurança, os secretários de segurança. Um evento traz duas mil pessoas, mil pessoas. *Jamais nós sonhávamos que íamos estar...* Então, é difícil, porque tem coisas que você espera e não acontecem, e outras que você não espera e acontecem. Então, estar aberto para surpresas – não é tudo logicamente um jogo, mas você não pode também estar tão fechado.

L.O. – Uma pergunta também que nós nos fazíamos, quer dizer, como vocês avaliariam o que é sucesso e o que é fracasso de um projeto.

A.T. – Então, isso é uma discussão imensa dentro do mundo das fundações, não é? E na Fundação Ford, nos últimos três, quatro anos tem sido uma discussão muito grande. Tem diversas maneiras. Assim, olhar para um projeto específico, ele cumpriu com tudo que ia fazer. Está, fez lá as quatro publicações, capacitou não sei quantas pessoas... Você olha assim,

cumpriu as atividades... Então, tem desde indicadores de processo versus indicadores de impacto. Eu acho que *ninguém, nunca, em lugar nenhum*, tem *zilhões* de metodologias, nós conhecemos, dominamos muitas delas... Acho que não tem uma metodologia que olhe o que é certo e o que é errado. Eu acho que tem uma metodologia que eu gosto muito, que é bom senso. É, você se aporta de todas as outras, mas eu acho que tem uma coisa de entender. Como eu falei, cada doação, para cada um de nós só faz sentido no conjunto das doações, não é? E, por isso, a estratégia é muito importante. Vou pegar o exemplo do caso da Denise, na área de direitos humanos, ela financia as organizações de direitos humanos, o que ela chama de *flagship*, os *mestrados* de direitos humanos, os [inaudível] fazendo litigância. Se fosse só litigância e não tivesse a relação com os *mestrados*, cada um deles tem que funcionar. Mas o que é legal é ver como funciona o todo. Como nós estamos mexendo na área de direitos humanos como um bojo. Então, o tipo de avaliação que nós normalmente vemos é até que ponto aquela organização contribuiu para o objetivo geral daquele portfólio. Qual foi a contribuição que aquela organização conseguiu dar que ajudou as outras a se moverem de uma maneira estratégica, não é, no seu campo. Cada um na sua própria atividade, não é? Mas essa é uma área... E eu dou muito valor à área de impacto, de medição de impacto. Mas eu acho que é uma área ainda... Eu acho que nós só medimos acúmulo de coisas quantitativas, não é? E acúmulo de processos políticos e sociais ainda está... Fica difícil de nós entendermos. E 100% dos projetos que nós doamos são para projetos sociais ou políticos. Então, estamos ainda com essa dificuldade.

L.O. – Não. Ainda uma coisa, quando nós começamos esse trabalho aqui, uma das coisas que eu fiz, eu entrei no Google e botei Fundação Ford no Brasil. Vamos ver o que está circulando à respeito. Aí achei interessante porque vi várias referências a você. *Não sei aonde a representante da Fundação Ford falou isso, assim, assim*. E aí eu brinquei até com a Denise. Eu falei: “Você não aparece, Aurélio não aparece.” Quer dizer, você tem uma visibilidade naquele meio, que é a Internet, o Google. E isso é uma coisa natural das coisas, ou há uma proposta, uma posição da Fundação Ford, dizendo: “O representante pode falar, os outros devem ficar devem ficar um pouco mais *recolhidos*.”

A.T. – A Fundação até o novo presidente tomar posse tinha uma política de nós não...

L.O. – O presidente... Esse Luís...

A.T. – Ubinhas, Luís Ubinhas. Até ele tomar posse, a posição da Fundação era muito: “Nós não falamos. A Fundação fala através das doações.” Que era uma posição, uma estratégia de comunicação: certa, errada... Não sei. Cada um tem uma. Então, todos nós falávamos muito pouco. E quem falava, se falava, era o representante. Então, era uma política realmente que... Nenhum jornalista nos ligava. Mas se ligasse, quem poderia falar oficialmente era o representante. Então, era uma política. A partir da chegada dele, acho que é um movimento interessante, que a área de comunicação da Fundação principalmente ainda só a americana ficou muito robusta. Então, a Fundação Ford nos Estados Unidos fala e fala muito, e fala na pessoa do presidente, do Luís Ubinhas.

L.O. – Ele é o quê? É...

A.T. – Ele vem da Mackenzie. Ele vem do setor privado e está...

L.O. – Não, porque com esse nome, eu imaginei: é um espanhol [riso].

A.T. – Não. Ele é ali de um dos países, acho que o Caribe, e aí...

L.O. – Ubinha...

A.T. – Da América Central... E aí a família dele, quando ele nasceu, mudou para os Estados Unidos. Então, mudou um pouco. E agora, realmente a Fundação incentiva a todos, não só ao “rep”. Logicamente que o representante tem que ter certeza que está sendo colocada a posição da Fundação Ford. Mas hoje em dia, se entusiasmo muito que todos os Program Officers sim, falem, apareçam, se projetem. Agora, como ainda não tem recursos para ser feito isso nos escritórios, ainda é uma parte... E eu acredito que vai mudar rapidamente. Eu acho que cada vez mais os escritórios vão ter um papel público muito maior do que tinham antes. Eu acho que... acabou que eu tive algum pouco, porque me convidam para abrir isso, abrir aquilo, não sei o quê – como representante, você faz isso –, mas eu acho que a Fundação vai ter um papel público muito maior do que teve no passado.

H.A. – Fiquei imaginando que essa coisa que você falou da panelinha ou de algumas críticas em relação às doações, para o Program Officer fica meio no olho do furacão de ter que justificar em público, talvez não...

A.T. – É. Eu acho que sim. Mas eu acho que Denise, Aurélio, Ondina, todos os Program Officers...

H.A – Preparados?

A.T. – Todos totalmente preparados e conscientes do que fazem, do que não fazem. Isso não seria o problema. Eu fico feliz que a Fundação... Assim, são pessoas magníficas, que têm muito a contribuir em todos os temas que eles trabalhem. E eu acho que eles poderem falar o que vai acontecer, escrever é absolutamente fundamental. São atores daquele campo. Imagine, não é uma máquina de dinheiro que fica dando cheque. É o contrário, nós estamos no campo. Então, cada fala de um jeito, tem mais vocação, menos vocação para isso. Mas eu acho que tem visões que nós temos, sentados ali onde estamos sentados, que não é do detalhe, mas vendo o todo, que pode ser interessante para campos aí. E eu acho que nós podemos ter o espaço para poder dividir é legal para nós, e eu acho que também para o público. Assim, foi essa a atitude que eu tive. Eu não sou *A especialista* em segurança pública, *A especialista* em... Logicamente que não. Não pode, não é, absolutamente uma genérica. Entretanto, eu estou num espaço, estou num lugar extremamente privilegiado. Eu sou onde as pessoas chegam. Nós, da Fundação, onde as demandas diversas chegam, onde histórias diversas chegam, onde perspectivas sobre uma mesma temática chegam. Eu poder dividir esse aprendizado eu acho que é fundamental para mim e para o campo.

L.O. – Também é interessante. Quer dizer, eu até consigo imaginar, quer dizer, a Fundação Ford um pouco deixando as pessoas na retaguarda para não haver conflitos, etc. As organizações fazem um pouco isso. Quem fala em nome da [inaudível], quem fala em nome... Agora, por outro lado, essa coisa da sempre uma das... Nem é crítica. Uma coisa da Fundação Ford, exatamente as pessoas não falavam? Tem uma coisa de mistério, não é, que é...

A.T. – Que é bom, não é? Que é bom para a imagem. É até um charme, misterioso. Tem um pouco do charme.

L.O. – Alguns vão olhar o mistério como coisa boa, outros vão olhar o mistério como uma coisa *suspeita*, não é? Uma das coisas que aparecem no Google sempre repete o encontro – aí é uma questão política, não é? Era o Peter Bell que encontrou com o Fernando Henrique, que deu dinheiro? *Financia* a agência...

A.T. – Financia.

L.O. – Financiando as ciências sociais [riso].

A.T. – É. Mas é engraçado, porque eu acho que é isso mesmo, quando uma fundação não se abre, não é totalmente transparente, para o bem e para o mal, não é? Tudo na vida tem o positivo e negativo. Te protege e te dá essa aura de misterioso. Você tem uma agenda... E, ao mesmo tempo, abre para críticas. Se você não conta a própria história da organização, alguém vai ter de contar essa história. Então, alguém vai estar inventando a coisa da CIA, alguém vai estar inventando a coisa que a Fundação Ford quer que os Estados Unidos invada a Amazônia. Alguém vai estar inventando que nós, por apoiarmos o Fórum Social Mundial, pegamos os dados da Internet e damos para não sei o quê. Então, se nós não contamos a nossa própria história... E eu acho que querer financiar esse projeto de vocês é um pouco isso, tem uma história a ser contada, ela não é certa, não é errada, não é que nós cometemos um montão de erros... Mas tem uma história ali feita de pessoas. Gente com ideias ou sem ideias. Acho que contar isso é importante.

L.O. – Só uma questão ainda... Quer dizer, você saindo, você tem uma quarentena a guardar, permanecer fora de alguma instituição parceira, alguma que tenha...

A.T. – Tem, tem...

L.O. – Tem esse comportamento? Não?

A.T. – Antigamente, não tinha isso, não. Hoje em dia tem, sim. Se nós formos para uma organização, sei lá, se nós viermos para a FGV⁵, a organização não pode receber recursos da Fundação por um ano. Então, tem assim uma quarentena. Eles não impedem, porque logicamente cada um encontra o emprego que queira encontrar. Se a doação já foi dada, e não foi dada não por você, aí não teria problema. Mas não tem renovação. Então, tem uma quarentena um pouco... Um pouco para nós nos protegermos também, para ambos os lados é bom, não é?

L.O. – Bom, ainda dentro dessa... Você já está mostrando como você era representante, ao mesmo tempo acompanhava os vários programas, não é? Quer dizer, essa avaliação, quando vocês escolhem dar dinheiro para esse projeto e para aquele, é o programador sozinho ou em conjunto? Quer dizer, vocês sentam e discutem, vamos supor: “o Aurélio escolheu tal, tal coisa, a Denise escolheu...” Vocês sentam e conversam? Qual a autonomia que eu tenho?

A.T. – Tem uma discussão daquele Program Officer, quando entra, o que ele pode e deve atingir no período que ele fique na Fundação? Então, assim, não é o que ele ou ela tenha na cabeça, mas há um acordo. “Está, olha, você tem de mudar isso, eu acho que seria importante investir naquilo.” Então, tem já um direcionamento estratégico, digamos, de longo prazo, que é acordado entre o Program Officer, o representante e Nova York, de onde já existe...

L.O. – Nova York.

A.T. – Sim. Um pouco a direção, não é? Isso não chegou ainda em que tipo de projeto. Daí, anualmente, o Program Officer faz aí o que ele gostaria de financiar para o próximo ano fiscal. Então, nesse momento, tem uma lista já *a priori* que cada Program Officer apresenta para o “rep” com coisa que eles queiram doar para 2012. Nessa lista, não necessariamente está o nome da organização; alguns nomes de organização estarão. Outras são só áreas que eles teriam de encontrar ainda um doador. “Está, eu quero financiar litigância de mulheres, mas não sei para quê. Não sei que organização.” Então, coisas que eles ainda vão ter de pesquisar. Isso é discutido em conjunto com o “rep” e depois em conjunto com o time, porque uma das

⁵ Fundação Getúlio Vargas.

preocupações grandes que nós tivemos nesse período e, acho que nós atingimos, é que cada área complementa a outra área. Então, isso foi uma coisa que nós construímos, nós fizemos um planejamento do que o escritório do Brasil queria fazer. Então, esse direcionamento que é, digamos, temático, nós fizemos um em termos de país. Nós nos comprometemos que nos próximos anos nós queríamos trabalhar na implementação das legislações e políticas, e não na criação de novas... E por que, em que área. Então, tem todo esse direcionamento ali colocado. Então, a cada ano, nós verificamos se esse direcionamento... O que mudou e o que não mudou. E cada área de programa isso gere uma lista de doações que ele ou ela queira fazer. É dividido no grupo. A gente tem um momento em que.. Em agosto, setembro que nós discutimos a estratégia do ano seguinte. E aí fica para a individualidade da autonomia dos Program Officers continuar esse programa, implementar, e logicamente mudanças acontecem no meio do caminho, não se encontra organização, organização que nós pensamos que ia dar um “grant” ainda não está preparada para receber... E aí vai se adaptando. É baseado em muita conversa e muita troca entre o time. Muita troca entre o time e muita autonomia. Nós contratamos pessoas do calibre de Aurélio, de Denise, de Ondina, de Diana acreditando logicamente na autonomia e na capacidade de liderança desses indivíduos. Eu acho que quanto mais nós delegamos, junta, é quando funciona, eu acho. Cada escritório trabalha de um jeito, não é?

L.O. – Ah, cada escritório... Não há uma norma, digamos assim, da Fundação Ford? Você tocou numa coisa importante, a relação do escritório com...

A.T. – Nova York.

H.A. – E com outros, não é.

L.O. – Nova York. Com os outros também. Como você...

A.T. – Olha, nós trabalhamos de uma maneira como uma matriz. Então, nós temos representantes em nível de escritório. Então, no meu cargo. E temos os diretores temáticos, não é, direitos humanos, mulheres, em nível de diretores. Nós trabalhamos numa matriz, nós nos comunicamos com eles, eles se comunicam conosco, e juntos deveríamos propor coisa... Eu tenho muita comunicação. Como tudo na vida, tudo depende também dos indivíduos, não é?

Então, apesar de querer fazer com que essa matriz funcione super bem, nem sempre ela funciona. Funciona melhor com o diretor X, Y, Z do que com o diretor Y. Então, com o representante... Então, é assim tem uma matriz, e essa matriz, que nós trabalhamos. E essa matriz trabalha melhor ou pior dependendo dos indivíduos que estão ali presentes. Como também tem mudança a cada seis anos, sete anos... Toda vez que muda tem um período de adaptação. Eu diria que até mais recentemente os escritórios historicamente têm tido muita autonomia, os escritórios nacionais. Eu acho que não é que nós estamos perdendo autonomia, mas a Fundação está ficando mais centralizada. E aí, eu acho que os escritórios, sim, estão perdendo um pouco da sua autonomia. Eu acho que isso tem acontecido nos últimos anos, sim. Eu acho triste ver isso, porque eu acho que a autonomia dos escritórios é o que dá essa possibilidade. Mas vai depender muito de como vai ser feito. Então, eu acho que esses últimos três anos que teve essa mudança mais radical com o novo presidente, nós estamos ainda experimentando essas novas maneiras de trabalhar. Mas eu, sim, tenho uma crítica positiva, mas um “nevertheless”, mas uma crítica, que eu acho que a Fundação ficou mais centralizada, e com a mudança do governo Obama, com diversas coisas, com a crise econômica, os recursos mais centralizados nos Estados Unidos. Então, os escritórios nacionais têm um pouco menos de autonomia, um pouco menos de dinheiro, mas isso é um processo. Fundações, como organizações, têm altos e... Nós fomos muito para um lado, acho que tinha de acontecer mudanças em termos de autonomia. Fomos muito para a centralização, e acho que eventualmente vamos encontrar um meio termo que seja mais razoável para todos os lados. E, responder só o que você me perguntou com os outros escritórios. De novo, quando tinha mais autonomia, nós tínhamos muita relação com os outros escritórios. O escritório do Brasil tinha muitos trabalhos, nós colocávamos... Todo mundo colocava dinheiro em conjunto para ter os “pools regionais”. Então, nós tínhamos na América Latina três grandes investimentos em conjunto, na qual nós discutíamos as estratégias em conjuntos, que era muito legal. E a mesma coisa, nós tínhamos um fundo chamado Ibis (Brasil, África do Sul, Índia), que também tem muito trabalho de autonomia desses países. Tinha um outro que era de propriedade intelectual, que até nós financiamos, a Fundação Getúlio Vargas. Então, havia possibilidades de nós fazermos muito mais trabalho Sul/Sul. Agora, está muito mediado por nova... Então, nós perdemos um pouquinho dessa autonomia de novo. Eu acho que vai retornar, mas eu acho que é um momento ainda de interação.

L.O. – Aprendendo muita coisa [riso] junto aqui para nós... E aí me diga uma coisa, um pouco voltando à própria história da Fundação Ford, que de alguma forma vocês já têm presente num livro de quarenta anos e algumas coisas aqui. Vamos dizer assim, a decisão da Ford em apoiar as Ongs é considerado um marco histórico. Aí você diria que isso teve a ver com a diminuição de recursos disponíveis à época com decisão em Nova York, ou era uma decisão do escritório do Brasil? Quer dizer, tinha pouco dinheiro e não podia continuar dando a quantidade de dinheiro. Dando para determinados... É órgãos de governo, centros, grandes centros optaram pelas Ongs. Como vocês vêm isso hoje? Quer dizer, uma interpretação daquilo...

A.T. – Eu acho que foi uma leitura política de quem estava no escritório do Brasil mesmo na época. E eu acho que muito acertado. Qual era o contexto que tinha? Quando a Fundação Ford entrou, não tinha Capes⁶, CNPq⁷. Depois de uns anos, teve Capes, CNPq. Então, assim, nós financiávamos muitas pesquisas, muitas bolsas de estudos. Começou a entrar muito recurso público. Então, de novo, o recurso que a Fundação Ford dá é muito pequeno. Nós temos que ter certeza de que cada doação vai ter um impacto fundamental nessa estratégia maior. Com o tanto de recurso público que tinha para as áreas de pesquisa, eu acho que quem estava ali naquele momento pensou duas coisas. Nós temos de ficar muito mais atentos que áreas de pesquisa. Nós podemos e queremos financiar para ter o impacto, e segundo, tem outro fenômeno que aconteceu ao mesmo tempo, que era o nascimento de uma sociedade civil nascente, vibrante no processo democrático. E apoiar esses novos atores era absolutamente fundamental, entende? Não acho que foi uma estratégia de Nova York ou por falta, ou de recursos, porque não é mais barato [riso] financiar sociedade civil versus academia, ao contrário. Porque na academia o professor pelo menos já tem, sei lá, o salário, a infraestrutura. Na sociedade civil, não, é desde o cafezinho até os impostos, até... Então, não é mais barato, não era uma questão de recursos. Eu acho que foi uma decisão política e do meu ponto de vista acertada de ter que ter um olhar muito mais atento de como é que o nosso pequeno dinheirinho vai fazer alguma diferença, porque a Fundação Ford doa hoje em dia 15 milhões de dólares. *É nada*. Muito pouco recurso para ter impacto. Então, você tem que ser neurocirurgião na sua doação. Você tem que saber que está dando aquele nervozinho que vai fazer uma diferença, porque senão... É um mar de recursos aí... Especificamente o governo estando colocando

⁶ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

⁷ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

recurso nas mesmas áreas. Você tem que ficar muito atento, porque vem um recurso muito maior. *Que bom*, não é? [Riso] eu acho que é bem-vindo, mas requer de uma fundação um olhar muito mais específico.

L.O. – Pois é. E dentro disso, em algum momento, você também tem isso escrito. Quer dizer, mais recentemente houve uma discussão... Se afinal de contas a Fundação Ford deveria ou não permanecer no Brasil. Porque já que o que ela financia é esse ponto ultra específico, que outras... O próprio governo assumindo várias dessas áreas que a Fundação Ford seria, no fundo, dispensável.

A.T. – Eu acho que aí tem duas perspectivas. Primeiro, a Fundação Ford nasce, vive e gasta 70% dos seus recursos nos Estados Unidos [risos]. Vamos combinar que a Fundação Ford não escolhe os países mais pobres para trabalhar, não é? Nós estamos nos Estados Unidos, na Índia, na China... São todos países ou emergentes ou emergidos [riso].

L.O. – [Riso]

A.T. – Então, eu acho que a primeira coisa é essa ideia que a Fundação Ford trabalha nos países mais pobres do mundo, vamos desconstruir, porque é só olhar para onde estamos que isso não é verdade, não é? Eu acho que o que a Fundação Ford faz e continua fazendo é trabalhar em áreas de ponta, onde são assuntos não só de ponta, mas de algum incômodo de mais amplo senso, não é? Por exemplo, trabalhar a área de relações raciais no Brasil vinte, vinte e cinco anos atrás não era uma coisa natural, não estava na agenda pública brasileira, muito menos no governo. Então, trabalhar naquela agenda é você estar olhando para uma agenda que vai... Aconteceu vinte, vinte e cinco anos depois. Eu acho que uma das coisas que eu admiro na Fundação Ford e me sinto absolutamente privilegiada é eu ter trabalhado ou estar trabalhando ainda na Fundação é isso: escolher temas que não são óbvios na agenda atual. É tentar pensar que temas vão estar na agenda do futuro. Que temas são esses? Porque, por exemplo, hoje em dia, nós estamos realmente agora olhando qual é o papel da Fundação Ford em apoiar o movimento negro. Nós apoiamos há 25 anos. Vamos continuar. Mas o continuar requer de nós um outro olhar, porque antes só nós financiávamos, não tinha governo, não tinha nada. Agora, é o tema mais público. Então, qual é o papel específico nosso nesta agenda? Ou deixar de

financiar, por exemplo, a área de participação de conselhos municipais. E falar assim: “Oh, esta área não é que ela é menos importante, mas o que nós podemos aportar talvez não vá ter tanto impacto para a área como se nós aportássemos para uma área específica, que é, digamos, democratização da mídia, que é o pouco de recurso...” Então, eu acho que no caso brasileiro eu não tenho a menor dúvida que se o Brasil quer instituições tipo uma terra de direitos, uma Fundação Getúlio Vargas, uma Fundação Carlos Chagas, são instituições que todo mundo acha maravilhosas, o brasileiro, o Estado, o público e o setor privado vão ter de financiar essas organizações. Não vai ser com os dez, quinze milhões da Fundação Ford que isso vai acontecer. Então, eu realmente espero que a sociedade brasileira em geral *aporte* para esses todos trabalhos. Se aí vai acabar o papel da Fundação Ford, se acabasse, maravilha. Mas depende muito... Eu acho que a democracia é legal por causa disso, ela tem sempre... Ela nunca é um final, ela é um trabalho de construção, não é?

L.O. – [Inaudível]

A.T. – É só entender qual é o próximo. O momento dessa construção.

H.A. – Acho que essa área de mídia está muito nisso que você falou, não é, de começar quando ninguém ainda está olhando, apesar de ser uma grande questão no Brasil, financiar uma coisa também que vai mexer ali com aquele poder, não é?

A.T. – Exatamente.

H.A. – Com as quatro famílias que dominam é complicado.

A.T. – É muito complicado. [Inaudível] Não é uma área de saúde reprodutiva e sexualidade. Não. Começou... Então, você... Ou a questão de terra da população tradicional na Amazônia. É pegar temas e fortalecer organizações para que quando o debate público chegar esses interlocutores estejam qualificados de uma maneira para ter um debate mais informado; não tomando posições, que esta posição, ou que é aquela posição. Acho que nosso interesse é qualificar o debate nessas áreas mais, digamos, difíceis, não é?

L.O. – Entendendo isso, como você poderia tentar falar para nós um pouco mais qual seria, ou qual foi, qual é, qual será a especificidade da Ford em relação às outras fundações privadas, por exemplo, a Rockefeller, Kellogg's, Mc Carter?

A.T. – As internacionais?

L.O. – É. Eu acho que é ter escolhido diversas coisas. E aí eu acho que é uma receita assim meio que colocando todas essas coisas. Primeiro, acreditar na voz do player, de quem você financia. Não financiar os projetos – lógico que cada projeto é interessante –, mas financiar e construir instituições que virem interlocutores políticos daquela área. Acho que isso foi muito bem colocado na Fundação Ford. A Fundação Ford está interessada no ator mais do que o ator está exatamente fazendo naquele momento. Então, ter um Cebrap⁸ (era importante como Cebrap, não é, ou ter o Ibase⁹) era importante como o Ibase. Se o Ibase agora está trabalhando na Ford, New Ice, era menos relevante do que aquela instituição. Então, eu acho que a criação de apoio para a qualificação de atores qualificados eu acho que isso é um diferencial muito importante da Ford. Para isso, precisa ficar muito tempo com seus parceiros e fazer essa construção de aprendizado conjunto por muitos anos. E acho que esse outro diferencial é arriscar. A Fundação Ford entra em temas não tendo medo de possíveis reações que alguns temas trazem. Se achando que... Não é que nós queiramos incomodar, mas nós temos medo de abrir uma seara de temas aí que nós achamos importantes, qualificando aquela discussão. Então, discussão sobre aborto, sobre direitos humanos, terra... Assim, você não vira popular por financiar essas áreas, não é? Então, ter tido a independência financeira de fazer isso – como a Fundação tem o seu próprio recurso – acho que deu à Ford a oportunidade de ter coragem muitas vezes, quando algumas outras tivessem menos. Entretanto, eu acho que tem muitas outras organizações, muitas filantrópicas, que hoje em dia se mostram com tanta coragem. Estão trabalhando de uma maneira fantástica; nós temos parcerias com elas. Cada uma do seu jeito, lógico. De novo, vendo o bolo, a Fundação Ford entra com uma coisa, Kellogg's com outra, Rockefeller com seu jeito mais científico de ser. Cada uma entra com.. E se complementam.

⁸ Centro Brasileiro de Análise e Planejamento.

⁹ Instituto Brasileiro de análises Sociais e Econômicas.

[FIM DO ARQUIVO I]

L.O. – Nós estávamos nessa, não é, quer dizer, você estava tentando mostrar qual é tipo de trabalho que a Fundação Ford fez e faz que seria diferente...

A.T. – Isso, isso. Que seria um diferencial. Eu esqueci de uma coisa que eu acho fundamental – só para lembrar –, a Fundação Ford – antes a Kellogs também fazia isso, mas não faz mais – ainda é a única que tem escritórios nacionais hoje em dia. A Kellogs tinha e fechou. Então, eu acho que esse diferencial de ter escritórios nacionais, estar atuando aqui hoje em dia para o Brasil, são todos brasileiros faz um diferencial imenso. Você estar vivenciando que... E não só faz um pedido por e-mail, ele vai para Nova York, ou vai... Acho que isso é um diferencial importante de muitas fundações.

L.O. – Me diga uma coisa no... Eu li o seu artigo no *Le Monde Diplomatique*. Para mim, você menciona que nos anos 90 o Brasil se tornou um laboratório, não é, político-social de todas essas experiências, e você fala: “Grandes avanços são observados, mas agora parecem desafios e fragilidades”, não é? Também outro momento: o “Brasil office statment”, esse último, que nós lemos também, então se fala, não é? Quer dizer, desigualdade estrutural...

A.T. – Isso.

L.O. – Então, essa coisa, não é? Um pouco assim... Eu acho que você disse alguma coisa sobre isso, mas só para você marcar melhor. Quer dizer, quais são os desafios e fragilidades que aparecem mais contemporaneamente? E de que maneira vocês estão pensando, vamos dizer assim, a atuação para tentar enfrentar essa desigualdade estrutural?

A.T. – É assim, nossa perspectiva e a análise que nós fizemos é um pouco aquela famosa frase: “O Brasil não é um país pobre, mas desigual”, não é? Nós também sabemos, com a Constituição Brasileira... A Constituição Brasileira é uma maravilhosa constituição. E agora estamos numa

nova fase, a democracia, que é a implementação desta. Muitas das leis que nós temos ou não são implementadas ou são mal implementadas. Isso nós colocamos, que o nosso desafio hoje em dia está na implementação. E o papel da Fundação, também como uma fundação de fora, estrangeira, que não é para inventar lei, ao contrário, é para ajudar ao Brasil a implementação de leis já decididas e políticas públicas já decididas. Algumas delas... Porque são muitas as fragilidades e todas as desigualdades, então quais que nós privilegiamos? Nós privilegiamos processos e instituições que em nossas perspectivas estão ou mantendo a desigualdade ou acrescentando a desigualdade. Então, nós estamos olhando para a desigualdade estrutural de processos e instituições. E selecionamos alguns não só em relação à importância deles, mas também onde nós acreditávamos que tinha qualificação interna dentro da Fundação que pudesse aportar para essas áreas, na qual nós pudéssemos ter um impacto, não é, que foi a área de terra na área de direitos humanos, e aí entra também segurança pública, na área de privatização da mídia e relações raciais e étnicas. Então, nós escolhemos esses quatro pilares como pilares importantes onde há instituições e processos que mantêm ou estão reproduzindo desigualdade, e resolvemos centrar esforços nos últimos seis, sete, oito anos nessas áreas específicas, não é? Elas, por si, são super amplas, e aí tem todo um trabalho muito mais refinado dentro de cada uma dessas áreas do que nós vamos financiar nessas áreas. Eu acho que não tem de chegar num ideal, não tem um ideal que nós estamos almejando chegar. O ideal é estar eternamente trabalhando na consolidação de uma democracia que é dinâmica, que surgem novos atores, que surgem novas desigualdades. Então, eu acho que é importante entender isso como um processo. Não depois de não sei o que, acabou, não é? Eu acho que é todo um processo...

L.O – Em que momento vocês fizeram, vamos dizer assim, entendia os pilares, não é, os focos? Em que momento vocês fizeram a opção por Amazônia?

A.T. – Fizemos nesse processo. Assim, a opção da Amazônia, quando eu entrei em 2003, nós já tínhamos um trabalho muito específico, que era de um Program Officer muito competente, Gabriel Lopes, que trabalhava na região mais no centro-oeste da Amazônia, na região do Acre. Já trabalhava lá nessa área de manejo de florestas, na área de sustentabilidade e já estava lá trabalhando. Quando eu... O termo dele terminou, a Amazônia já estava no mapa da Fundação, mas era mais pelo portfólio. O portfólio saúde reprodutiva já tinha também dentro de seu bojo

priorizar mulheres negras e de populações tradicionais no Norte e no Nordeste. Então, já tinha ali uma tendência para a região Norte. Com a saída do Gabriel e a chegada do Aurélio, ele mudou o foco daquela região ali mais do Acre para onde nós acreditávamos que havia um embate de modelo de desenvolvimento, que é no estado do Pará, no Mato Grosso, ali mais naquela região centro-oeste da Amazônia. E foi aí que nós mudamos o foco para essa região e tentamos fazer com que a priorização da Amazônia e desta região em particular não viesse só de uma perspectiva, no caso, de terra e de sustentabilidade, mas também de direitos. E aí a tentativa de trazer mais o programa de direitos humanos para essa área; no caso, a área de segurança pública e governança e agora, inicialmente, a área de mídia. Então, a nossa perspectiva é que essa região Norte brasileira é onde o tecido social é o mais frágil. Há ainda infelizmente poucas Ongs. O tecido social, não só da sociedade civil, mas da academia, do setor público ainda é o mais frágil da região brasileira. E é onde o embate de modelos de desenvolvimento acontece por ser aquela região logicamente a Amazônia com tantos bens e recursos naturais. De novo pensando onde a Fundação Ford podia acrescentar nesse embate, nós achamos que como a maioria das organizações que trabalham na Amazônia tem a perspectiva mais de conservação ambiental, o que nós achamos muito bem-vindo, maravilhoso, que onde nós podíamos aportar era muito mais nessa área de justiça e terra, trabalhando em conjunto com essas organizações. E aí demos essa ênfase... Batemos o martelo do comprometimento de 40% a 50% do nosso orçamento até 2016, se não me engano, para esta região há dois anos atrás. Não é fácil [riso]. Depois que nós tomamos essa atitude, realmente, para uma fundação do tamanho da Fundação Ford, direcionar os seus recursos para esta região, tem de ser uma coisa afirmativa, você tem querer muito e fazer isso. É distante. O tecido social é ainda muito não tão forte. Nós recebemos projetos maravilhosos de São Paulo, do Rio, de Brasília. Lá, nós temos de ajudar a desenvolver os projetos de uma outra... É realmente... Eu estou convencida, estou totalmente convencida de que é onde a Fundação pode aportar mais.

H.A. – A Denise ontem citou um exemplo interessante da terra de direitos, que vocês conversaram...

A.T. – E outras que estão [inaudível]. É um pouco isso.. Adensar o tecido social daquela região para que, respeitando e valorizando o que já se tem primeiramente, que eu acho que a Fundação tem. E se tiverem organizações afins que possam dar, mas acho que nosso primeiro objetivo é

valorizar o que tem dentro da academia, dentro do setor público, dentro da sociedade civil, porque é onde esse embate vai estar acontecendo; nós vamos estar vendo isso. Olha aí Belo Monte, olha aí o código florestal, olha as mortes no Pará. Então, eu fico feliz de termos tomado essa posição alguns anos atrás, porque eu acho que realmente só vai ficar mais clara essa opção.

L.O. – Eu estou vendo aqui algumas, vamos supor... Também não lembro se foi no Le Monde Diplomatique, ou se foi em algum lugar, você avaliando a própria história da Fundação, você fala: “Isso não queria dizer que não tenhamos atitudes equivocadas etc.” Coisa desse tipo. Você se referia a chamada Revolução Verde e ao projeto...

A.T. – Controle populacional.

L.O. – É. Aí vou fazer uma provocação para você... Isso aqui ela está no mínimo o que na história se chama anacronismo, que é você julgar o [riso] passado pelos valores de hoje. Mas independente disso, porque de fato a atuação, e não foi da Ford só, foi da Rockefeller, da Ford e depois da Finep¹⁰, do governo brasileiro, na criação daquele instituto lá de Viçosa, que depois criou-se o instituto, deram bolsas de mestrado e doutorado, foram pros Estados Unidos, voltaram.. Dali se criou a Embrapa¹¹, se criou... Vocês colaboraram para tornar o Brasil exportador de commodities para a China [riso]. O que seria do Brasil sem a revolução verde do cerrado?

A.T. – Absolutamente.

L.O. – Então, eu olhava isso... Até entendo onde vocês criticam..

H.A. – Agronegócio.

L.O. – *Agronegócio*. Eu falei: “Como ela está vendo isso como um equívoco de opção?”

¹⁰ Financiadora de Estudos e Projetos.

¹¹ Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

A.T. – Não. Assim, de uma fundação que tem como perspectiva a justiça social, eu não acho que pessoalmente, assim a história... Eu acho que quem fez opções no passado não tinha tão conscientemente. A opção de aportar para a ajuda do agronegócio não deve ter sido a intenção de quem fez a doação. Provavelmente, o objetivo era muito mais alimentos para os mais excluídos... Chegou a esse. Então, de maneira alguma má intenção de ninguém de fazer doação; de maneira alguma. É muito mais fácil olhar para a história e ver... Agora, acho que uma coisa que a Fundação Ford em geral aprendeu e eu acho que nós temos de estar sempre conscientes é que a ciência e as novas técnicas não são politicamente neutras. A Internet hoje em dia não é politicamente neutra. Tudo vai depender de como ela é usada. Então, apoiar isso ou aquilo depende muito de você assegurar de como isso vai ser utilizado. A mesma coisa com controle e métodos contraceptivos, não é? Não que ele é bom ou ruim, é como ele é usado. Então, eu acho que isso é um aprendizado para todos e eu acho que no nosso caso, para o escritório brasileiro, nós temos isso muito consciente. Mais do que apostar em metodologias específicas ou em ciências específicas, nós, de novo, acreditamos muito nos atores sociais e políticos que vão ter interlocução com essas metodologias, com essas técnicas. Acreditando que pode ser um erro, pode ser que aportando para os atores...

L.O. – Daqui a vinte anos alguém vai ler: “Isso aqui estava errado. Isso foi um equívoco.”

A.T. – Lógico. Com certeza. Não acho que foi má intenção. É um aprendizado para todos nós, não é? E acho que nesse momento... Por exemplo, o tema que está muito em voga na dentro e fora da Fundação, mas é... Mídia social. Todo mundo só quer investir em mídia social, que eu acho importantíssimo. Eu acho fundamental que “os setores do bem” utilizem e dominem, não é? Mas, de novo, depende muito de como vai ser utilizada. Eu acho que nós temos mais consciência disso, menos “naive” do que foi, talvez, mas foi como você falou: daqui vinte anos: “ah, está vendo”... E não quer dizer que apostando em atores sociais que você não comete erro. Eu acho que tiveram muitos atores sociais que vieram para esse lado, foram para aquele lado. Mas eu acho que o poder de uma fundação é o poder e querer arriscar. Se não tem risco, também não tem um bônus, não é, de você estar tentando fazer com que a agenda se modifique.

L.O. – Uma coisa que eu gostaria que você falasse, indicasse para nós é assim alguns projetos relevantes, pessoas a serem interessantes. Que uma coisa que eu tinha pensado com o Aurélio

é um pouco isso, quer dizer, nós vamos fazer a entrevista com vocês, que são lá da Fundação Ford, mais interessante de ouvir parceiros, não é?

A.T. – Ah, fundamental.

L.O. – O melhor sonho seria ouvir o parceiro feliz e o parceiro que...

A.T. – Não feliz.

L.O. – Mas em princípio, um projeto e um parceiro que vocês consideram importante, foi um sucesso o programa para nós até irmos fazer...

A.T. – Nós também podemos apontar os que nós sabemos que não são felizes com as nossas escolhas [risos].

A.T. – Porque realmente o importante é escutar. Como eu falei, a história da Fundação é também coletiva entre os parceiros e quem teve a oportunidade de trabalhar dentro também. Vou por áreas ali.

L.O. – Claro.

A.T. – Acho que dentro da área de segurança pública o fórum de segurança pública ou o CESeC¹² aqui no Rio de Janeiro. Silvia Ramos, Jolita, [inaudível] acho que são atores importantes que participaram da história da Fundação Ford nos últimos dez, doze anos nessa área de segurança pública. Eu acho que tem atores na área de filantropia, que nós trabalhamos muito no fomento da filantropia brasileira também, não é? Não sei se eu deveria sugerir o fundo de direitos humanos e o pessoal do Gife¹³. O Gife é aquela rede, não é, de fundações, que é o Fernando Rosset. Acho que ele pode contar um pouco o papel na perspectiva das outras fundações nacionais, brasileiras. Que papel nós temos. Na área de governança tem zilhões. O

¹² Centro de Estudos de Segurança e Cidadania.

¹³ **Dúvida:** Grupo de Instituições Formações e Empresas.

peçoal do Pólis, o próprio peçoal do Inesc¹⁴, o próprio Ibase... Nem todos vão contar só coisas bonitas, porque alguns deles [descontinuaram]¹⁵. Mas eu acho que eles têm algo interessante a contar de um momento da história da Fundação e da história mais recente. Na área de saúde reprodutiva e sexualidade tem o peçoal do Clam¹⁶ aqui também do Rio ou o peçoal da Abia, que é a Associação Brasileira de Aids, não é? Que é o Veriano ou a Cristina... Acho que tem muita gente que vocês deviam conversar, o peçoal do movimento negro. [Inaudível], Geledés, o Ivair...

L.O. – Aí tem muitos, não é?

A.T. – Tem uma área, essa área não é nova, mas que agora nós chamamos da área de ensino superior, que são todos esses projetos que nós fizemos com os afrobrasileiros e os indígenas – graduação, mestrado, doutorado –, a Fúlvia Rosemberg, da Fundação Carlos Chagas. Ela é fundamental, porque ela conhece muito... A Fundação Carlos Chagas é parceira da Fundação Ford há 43 anos. Então...

L.O. – Tem uma fundação parceira da Fundação Ford é a Carlos Chagas, não é?

A.T. – É a Fundação Carlos Chagas. E é maravilhosa a Fundação Carlos Chagas.

H.A. – Continua a Fundação Carlos Chagas. Eu tinha a impressão que teve um papel fundamental na área de bolsas. Que agora..

A.T. – Na área de direitos humanos é uma “*parceiraça*” da Fundação Ford.

L.O. – Fundação Carlos Chagas, você teria alguém assim que você...

H.A. – Essa Fúlvia é de lá.

¹⁴**Dúvida:** Instituto Nacional de Educação de Surdos.

¹⁵ As palavras mais próximas do que foi possível ouvir.

¹⁶ Centro latino-americano em sexualidade e direitos humanos.

L.O. – Fúlvia Rosemberg é de lá.

A.T. – Ou a Sandra Rosembaum... Sandra. Depois vocês peguem... São ambas. Têm muitas parcerias. O pessoal do Cebrap¹⁷ logicamente pode fazer um depoimento importante desse início com o Fernando Henrique...

L.O. – É. Eu estava um pouco evitando... Ainda olhei o livro do Sergio Miceli, as coisas que ele escreveu... Essa área é um pouco... Quer dizer, só quem não tem... Só quem não foi aprovado naquela época não tinha apoio, não é? É um pouco...

A.T. – Qual? A de Raça?

L.O. – Não. Da área de...

H.A. – Ciências sociais. Ela já está coberta, não é? Assim, eu acho que pode ser uma coisa...

L.O. – Nova.

H.A. – Sim. Mas não é a prioridade.

A.T. – Sabe o que talvez seja interessante? Teve uma comemoração agora recentemente, que foram Quarenta anos de parceria Fundação Ford/Fundação Carlos Chagas. Foi um evento maravilhoso que eles fizeram em São Paulo e convidaram diversas pessoas aí da área de ciências sociais para fazer depoimentos sobre ambas as fundações. E eles filmaram tudo.

L.O. – Aí já seria interessantíssimo.

A.T. – Eles filmaram tudo, tudo, tudo.

H.A. – Ah, ótimo.

¹⁷ Centro Brasileiro de Análise e Planejamento.

A.T. – O presidente lá da Fundação Carlos Chagas chama Fernando Freire. Ele pode facilitar aí o que vocês... E foi muito legal, porque todos fizeram depoimento quanto a Fundação Ford foi importante nessa área de ciências sociais ou na vida. Porque tem muito depoimentos, as pessoas *choravam*...

H.A. – Isso está disponível na Internet? O site deles... Isso podia ser legal, não é?

L.O. – Eu creio que não.

A.T. – E eu almocei com ele hoje. Se eu soubesse, tinha pedido.

L.O. – [Riso] Eu entrei no site da Carlos Chagas até para ver... Aí vi lá...

A.T. – Agora, eu acho que tem alguns depoimentos que são... A Fundação tem fortes críticos também, não é?

L.O. – Tem. É.

A.T. – Também é fácil de encontrá-los, não é? Tem fortes críticos. Nós os conhecemos bem e eles podem passar desde o Ali Kamel até muitos que escrevem ali para o Globo...

H.A. – O Ali Kamel você está falando por causa das ações afirmativas?

A.T. – Por causa das ações afirmativas. Mas tem os que escrevem sobre terra e Amazônia, sobre a área ambiental. Assim, tem de... Assim, na área de aborto tem bastante gente que é crítica. Então, acho que é fácil encontrar. Mas assim, pessoas que são importantes para, por exemplo, essa coisa do erro da Fundação, não é? Uma voz que eu respeito demais, que é o pessoal do grupo de mulheres negras aqui do Rio: Crioula. O pessoal do Crioula tem uma crítica muito forte à Fundação e se recusou historicamente depois daquele momento a... Eu e Denise insistimos para elas aceitarem doações da Fundação, e elas se recusaram por princípios. Nós nos damos super bem e trabalhamos em conjunto com outras, mas tem uma crítica muito sólida.

H.A. – Em algum momento específico isso passou a acontecer.

A.T. – É. Depois do que a Fundação apoiou no controle da população, como um grupo de mulheres negras, tem uma crítica muito forte, consistente, são pessoas ótimas, nós nos relacionamos muito bem. Mas é uma crítica consistente e forte. Eu acho que entusiasmar, não só elas, mas outros nem sempre concordaram com decisões que tomamos, não é? É claro, acho importante que elas possam comentar, falar.

L.O. – É até muito interessante.

A.T. – Esse é bem interessante.

H.A. – Mostra um pouco também uma visão até, não é, dessa área de controle de população e um exemplo pragmático assim.

A.T. – É. E a Lúcia... Lúcia e Jurema que trabalham lá, que são as diretoras, são muito conscientes, muito interessantes, mulheres magníficas. Tem o Marcelo Paixão na UFRJ¹⁸, que tem aquele laboratório chamado Laeser¹⁹, que olha para os dados do IBGE²⁰ da perspectiva racial, que é interessante. Bom, nós assim... E tem todo o pessoal novo de mídia, que esses aí são muito legais. E como nós estamos financiando um mini-projeto de mídia aqui na Fundação Getúlio Vargas – esqueci o nome dele agora. É um pesquisador que está trabalhando a regulamentação da mídia.

L.O. – Não é o Fernando Weltman? Não?

H.A. – Não é CPDOC, provavelmente...

¹⁸ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹⁹ Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Sociais.

²⁰ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A.T. – É o Fernando. Eu acho que é o Fernando. Ele está bem sabendo um pouco o que nós fazemos. Mas assim o Ronaldo Lemos logicamente daqui faz as intervozes. Bom, você conhece bem, sabe tudo, não é? Patrícia Galvão, [inaudível], um que eu amo de paixão, que é do Observatório da Imprensa, o Alberto Dines. E o Alberto Dines é uma pessoa super interessante, porque ele é a história ambulante, não é? [Riso]

L.O. – É.

A.T. – Então, ele tem uma perspectiva muito interessante desses processos democráticos. E como tem um programa ali que ele faz, não é, do Observatório da Imprensa, tem uma perspectiva interessante do que se fez ou não se fez nessa área. Gente...

L.O. – Nós vamos [inaudível] da fazenda...

A.T. – Por isso que eu fiz... Fiquei um pouco chateada, porque só alguns vão logicamente poder ser entrevistados, não é? E se tivesse alguma maneira de quem quisesse poder fazer parte desse processo ou de uma maneira mais aberta ou mandando seu depoimento, eu acho que valeria a pena, porque, como eu te falei, nós encontramos pessoas que: “Poxa, a Fundação Ford fez isso, aquilo...” Que bom. Nem perde um pouco o controle, não é? E tem lógico quem ganhou bolsa no processo de bolsas de estudo através da Fundação Carlos Chagas.

L.O. – Muita gente que eu conheço.

A.T. – Fundação Carlos Chagas é assim... É o *must*, porque eles têm lá o nome de todo mundo. O background dessas pessoas: é o indígena que mora na aldeia... Primeira indígena brasileira mulher a ter mestrado, a ter doutorado foi bolsa da Fundação Ford com a Fundação Carlos Chagas; primeiro negro a ter não sei o quê, tentar mestrado, doutorado na Universidade de Brasília, direito. Então, tem tudo assim: o primeiro, o não sei o quê. E é o outro Brasil, não é? É dar visibilidade para este outro Brasil.

H.A. – E da matriz assim você acha que tem alguém fundamental que nós não podemos deixar de falar?

A.T. – Assim, tem uma pessoa que já saiu. Tem duas pessoas. Aliás, três. Tem três pessoas. Primeiro, acho que tem dois antigos... Antigos “reps” da Fundação, acho que todos merecem ser entrevistados, mas vou citar dois, porque eles continuam muito ativos. Um é Bradford Smith, que financiou essa área de governança por muito tempo e hoje ele é diretor do Foundation Center. Então, ele entende tudo de fundações, sabe? E vai poder te falar exatamente o que diferencia a Fundação Ford, o que não. E ele foi representante aqui da Fundação, foi Program Officer, depois foi representante e depois virou vice-presidente da Fundação Ford. Então, uma pessoa... E até hoje vem para o Brasil, intrinsicamente ligado. E a outra é Joan Dassin, que também agora é diretora desse programa de bolsa internacional.

L.O. – Ah, ela voltou para a Fundação Ford? Não?

A.T. – Ela está no tal do [Aiaí]²¹, que é o Instituto Internacional de Educação. Mas o Aiaí está fazendo esse programa, que é o programa de bolsas da Fundação Ford. Ela está fora da Fundação, mas implementando este programa em Nova York...

H.A. – Ela mora aonde?

A.T. – Em Nova Iorque, mas fala português...

L.O. – Eu conheço a Joan...

A.T. – Ela é maravilhosa.

L.O. – [Ela me diz coisas]²² [riso]....

A.T. – Ela é maravilhosa, não é? A Joan acho que vale a pena. E a outra é a Alison Bernstin. A Alison Bernstin foi vice-presidente da Fundação Ford décadas, vinte anos, sei lá quantos anos. E era a minha chefe, foi ela que me empregou, foi ela que era a minha chefe até agora

²¹ A palavra mais próxima do que foi possível ouvir.

²² As palavras mais próximas do que foi possível ouvir.

que ela saiu da Fundação Ford. Ela saiu há um ano e meio mais ou menos. É uma mulher simples...

L.O. – Sabe tudo [riso].

A.T. – Sabe tudo e maravilhosa e tem assim um carinho, um amor pelo Brasil e acompanhou cada projeto nosso. É uma pessoa com quem eu discutia muitas estratégias, que deu muita força para nós ousadamente fechar áreas, começar outras. Nunca, de maneira alguma... Então, é uma pessoa que assim... Eu logicamente tenho o maior carinho por ela e acho que é uma mulher de visão. E nem sempre pensávamos igual.

L.O. – Como se escreve esse sobrenome dela?

A.T. – Bernstin.

L.O. – Está, está.

A.T. – E eu tenho também os e-mails dela, não sei o quê. Ela agora é reitora de uma universidade de mulheres. Só para mulheres, lá nos Estados Unidos. Tem muitos. Tem o Nigel, que foi o rep antes do que eu era.

L.O. – Aí você foi imediatamente posterior a ele.

A.T. – Isso. Ele era Program Officer da Universidade de Educação, ele virou rep e quando ele saiu, eu assumi. E o Nigel está em Belo Horizonte...

L.O. – Não. Esse nós... Porque como ele fez o livro de quarenta anos, que tem aquela produção, eu falei: “Esse nós temos de entrevistar, não é? Não tem jeito.

H.A. – Nós vamos a Belo Horizonte.

L.O. – Nós vamos a Belo Horizonte. Mandeí um e-mail para ele e ele disse: “Tudo bem. Sinto-me honrado..”

A.T. – Ele é super legal e desde então está fazendo um trabalho maravilhoso na área de avaliação educacional. É um cara que vale realmente a pena. É que o Brad – o Nigel foi fazer esse projeto específico –, a Joan, a Alison mantiveram a ligação com a Fundação Ford. Eles vão poder contar da perspectiva da Fundação Ford o que era o escritório do Brasil desde Nova York também, não é?

L.O. – É.

A.T. – Tem os dois lados. Eles trabalharam aqui e trabalharam lá, não é?

L.O. – Isso é importante.

A.T. – E eles estão sempre por aqui. Todas eles...

H.A. – Pois é, nós temos de mandar logo um e-mail para eles para saber se por acaso esse ano eles vêm, nós já nos organizamos, não é?

A.T. – Ah, com certeza. Com certeza, eles sempre aqui.

L.O. – É isso. Até se tiver um espaço para nós irmos a Nova York... Nós não estamos nesse projeto para pegar passagem. [Riso]

A.T. – Ah, não, mas eu acho que vai ser importante.

L.O. – Tem um momento... Conhecer a sede, assim...

A.T. – O único problema é que assim... Acho que conhecer a sede, acho que conhecer os arquivos... Assim, como nos últimos três anos 99% das pessoas saíram da Fundação Ford, então

tem pouca gente que vai poder contar a parte da história. Tem pouca gente que ficou ali na parte da história.

L.O. – Talvez por isso então essas outras pessoas que foram da Fundação e que não estão mais sejam mais importantes.

A.T. – É. E a Liz Leeds que foi a Program Officer de segurança está lá também.

L.O. – Está?

A.T. – É. A Liz Leeds mora lá em Nova York. Então, se vocês quiserem entrevistá-la, provavelmente vai ser mais fácil entrevistá-la lá.

L.O. – Nós vamos fazer o programa de Nova York e de lá, vamos entrevistar vários. Vamos ver como vai ser. E aí essa experiência dos quarenta anos da parceria da Fundação Ford/Carlos Chagas, isso vai ser uma coisa importante para nós termos acesso a alguma coisa. Você vai nos mandar, vai fazer... Esse Freire dele é com y ou com i?

A.T. – I. EI, não é? Freire.

H.A. – Eu vou... Nós vamos a São Paulo para ver o material, se é digitalizado...

A.T. – Em São Paulo, é assim... Eu não imagino... Assim, eles estão tomando mais conta, porque a Fundação Carlos Chagas é que nem a Fundação Ford antes, na parte de comunicação. Não se comunicavam. E o Fernando está mudando muita coisa lá. Então, eu imagino que eles tenham sim horas de vídeo. E eles são... Tudo que vocês quiserem de documentação tem tudo. Eles são muito, muito cuidadosos com a memória.

H.A. – Agora, esse material que você falou da Fundação Ford, desses memorandos, enfim... Nós tivemos acesso a alguns memorandos, mas poucos por enquanto. De consultoria que você falou, não é.. Ainda daria para essa fase da pesquisa, ou seria uma coisa mais para frente pensar nesses arquivos...

A.T. – É. Está lá. Eu estou saindo da Fundação. Então, eu fico até o final de julho. Enquanto eu estou lá, absolutamente bem-vindas. Mostro lá tudo para vocês. Tenho certeza de que a Nilcéia vai também abrir o que for necessário. Mas como nós não guardamos muita coisa, é tudo meio confuso. Então, é material, digamos, bruto. São materiais brutos.

L.O. – Você falou que tinham as avaliações que vocês encomendaram, não sei o quê...

A.T. – Essas são as mais fáceis, porque tem todo aí uma... Acabamos de fazer uma avaliação maravilhosa do programa do Aurélio, por exemplo, que conta muito uma história, tem uma avaliação da área de segurança pública que é maravilhosa. Tem uma avaliação da área de direitos humanos da Denise que é bem legal. Uma de saúde reprodutiva. Tem diversas consultorias de mídia, que se escreveu por programas e projetos, com todo o racional, como se começa uma nova área. Que documentos nós pedimos... Tem todos os documentos lá também.

L.O. – Esse seria uma coisa, não é, nós olharmos isso mais a curto prazo, não é, enquanto está montando essas listas todas, não é? Eu acho que nós vamos, digamos assim, talvez fazendo, à medida que nós consigamos a entrevista com algumas figuras centrais de cada uma dessas áreas... Isso, se for resolvido mesmo, por exemplo, de repente bota-se isso, não é, num site específico, isso atraia outros depoimentos.

A.T. – Exatamente.

L.O. – Nós não podemos pensar que vamos fazer todo o...

A.T. – É. Eu acho que dar o tom e aí instigar de alguma maneira de quem queira participar participar.

L.O. – Você ouvindo um falar foi assim mesmo, aconteceu assim, não aconteceu nada assim, nós ficamos... Então, eu acho que pode ser uma alternativa...

A.T. – Mesmo que o cara mande, sei lá, um parágrafo, uma carta, alguma coisa, que aí dá para ir colocando, acrescentando no site, para não ficar uma coisa: *Essa é a história*. Não é essa história. São essas as histórias, não é? Eu acho que é uma coisa que vai evoluindo ali.

L.O. – Você tem alguma carta, ou fotografia desse seu tempo, que não seja... Quer dizer, não o ofício que você envia para o escritório geralmente. Alguma coisa assim. Porque isso seria interessante também, não é, para ganhar um outro dinamismo... Teve uma reunião e depois você mandou um bilhetinho, deu para alguém, dizendo: “Olha, presta atenção nisso.” Para dar um certo colorido [riso].

A.T. – Tem assim, tem e-mails que, sei lá, nós podemos dar uma olhada. E-mails que nós mandamos agradecendo pessoas específicas, ou ocasiões específicas, ou que as pessoas mandam para nós espontaneamente, agradecendo isso e aquilo e contando dessa importância. Eu acho que tem alguns.

L.O. – Você já tem alguns.

A.T. – Já tem alguns... *É*. Tem algumas fotos de eventos que [inaudível].

L.O. – *É*, porque às vezes é importante. Por exemplo, você fala que fulaninho... De repente tem uma foto mostrando quem é. Joan, por acaso, eu conheço, eu conheci aqui no Brasil.

A.T. – Eu não mencionei o Ceert.

H.A. – Não.

A.T. – O Ceert tem disso. O Ceert é uma organização... Eu pensei no Ceert por causa disso, eles têm muitas fotos. O Ceert é uma organização do movimento negro que fica em São Paulo. A diretora chama Cida Bento. *É* uma organização que realmente a Fundação deu o primeiro “grant”. Ela está acho que fazendo vinte anos agora. O primeiro grant. *É* uma organização do movimento negro. Eu acho que é a mais sólida. Eles fizeram um trabalho agora com a

Febraban²³. Eles abriram um caso legal... Olha que legal a estratégia. Eles fizeram um caso legal que o banco – acho que o Banco Itaú – estava discriminando os negros. Eles estavam contando, se eu não me engano, quanto tempo o gerente gastava com uma pessoa branca e quanto tempo gastava com uma pessoa negra. Eles montaram o caso contra o banco mostrando que havia uma certa discriminação. E aí o banco em vez de continuar na coisa legal, acordaram, contrataram o Ceert para dar capacitação e sensibilização sobre todos os procedimentos do banco da perspectiva racial, desde como é que trata, qual o procedimento... E foi o Ceert que fez isso. Mas uma organização que eram dois individúozinhos, eram marido e mulher até, se transformou numa organização que hoje tem toda a respeitabilidade dos bancos brasileiros. É maravilhosa. Tem tantas dessas histórias para se contar.

H.A. – Por que aí é muito como se faz também, não é? Porque também podia ser uma coisa, sei lá, panfletária, que exige muito mais. Mas fazendo bem feita, imagino que surjam vários...

A.T. – Agora demorou vinte anos. E é uma organização pequenininha ainda, que tem mil problemas financeiros. Mas está lá fazendo um trabalho importante. Então, essas, para mim, a Fundação Ford é essa cara assim. É montar esses atores.

L.O. – É mais interessante até do que... Isso aqui é chave, não é? Aquele caso interessante.

A.T. – Tem aquele caso... Eles têm uma área de litigância racial super interessante. Não sei se você lembra. Lembra que teve um dentista negro que foi morto?

H.A. – Não me lembro.

A.T. – Um dentista. Tem milhões de casos emblemáticos. Tem todas as histórias. Eu fico contente que alguém fique tentando captar um pouquinho dessas histórias, porque cada organização dessa é... Eu tiro o chapéu para cada uma delas. São maravilhosas. Obrigada aí.

²³ Federação Brasileira de Bancos.

L.O. – Não sei se vocês... Nós fazemos uma coisa, quer dizer, vamos ouvir a entrevista. Depois você também vai pensar: “Ah, não, resolvi. Tem uma outra coisa importante que eu não falei ali.” Ou nós lembrarmos algum item que possa contar...

A.T. – É. Tem horas que não sei se nós queremos ou não queremos, porque não dá para cobrir tudo, não é? Mas tem duas áreas. Primeira, a relação da Fundação Ford com os governos. O que teve, não teve... Que eu acho que é importante as pessoas entenderem que há a relação há ou não há, não é. E a outra é a relação da Fundação Ford no mundo filantrópico nacional. Somos empresa em nível nacional, não é? Por isso que eu até sugeri o Fernando. Porque o trabalho, por exemplo, que a Denise fez abrindo um fundo de direitos humanos, ou o fundo Elas de mulheres, ou fundo [inaudível] que o Aurélio trabalha – nós agora estamos trabalhando no fundo de mídia – é criar atores agora não só que façam advocacia, mas é criar atores fundações, não é? Eu acho que é uma área interessante, porque é uma estratégia também de pouca visibilidade. Eu, pessoalmente, acho fundamental, não é? É um trabalho que não tem muita visibilidade, não é? É um trabalho mais pensando na sustentabilidade a longo prazo dessa campanha que nós trabalhamos. Talvez seja uma coisa que nós queiramos explorar ou através das entrevistas com os grants, ou depois numa segunda volta.

H.A. – É. Talvez como você deu essa ideia de segunda vez mais para frente, não na semana que vem, pode ser uma ideia. Não na semana que vem, mas um pouco mais para frente. Depois de conversar com algumas dessas pessoas, não é?

A.T. – É. Eu acho que seria legal, porque vão surgir coisas deles mesmos, não é?

H.A. – O ruim é que você já não vai estar mais lá. Não sei se a sua cabeça vai estar para ficar falando [riso] dessas coisas, não é?

A.T. – Eu vou continuar trabalhando na mesma área. Não tem como sair. Eu posso deixar o meu telefone privado aí para vocês, porque eu não vou...

L.O. – É, que nós...

A.T. – É 8123-8852.

L.O. – É, porque aí nós fazemos a segunda entrevista mais tarde, vai render mais.

A.T. – Eu vou estar com uma agenda algumas mais similares, outras, menos. Umas já começaram outras não...

L.O. – Por isso que eu queria pedir a carta, porque aí ela assinava, pelo menos de hoje, não é? Senão nós...

A.T. – Vocês vão escutar muitas histórias nessa...

[FIM DO DEPOIMENTO]